

PORETE, M., *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo e no desejo do Amor*. Petrópolis, Vozes, 2008.

O livro *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo e no desejo do Amor*, de Marguerite Porete, traduzido para o português por Sílvia Schwartz, com importante introdução de Faustino Teixeira, finalmente chega a nós depois de um longo e tortuoso percurso; longo porque se inicia no final do século XIII e tortuoso por ter sido condenado como herético e sua autora queimada em praça pública.

Essa obra tem sido, desde meados do século XX, objeto de estudo de historiadores que a tem considerado como fonte importante para a compreensão dos movimentos espirituais na Idade Média tardia. O estudo mais importante sobre essa obra é o de Romana Guarnieri que em sua pesquisa sobre o *Movimento do Livre Espírito*¹ foi capaz de identificar o tratado de Marguerite Porete que, após sua condenação e o fim trágico, foi preservado em diferentes mosteiros como um tratado anônimo, considerado como um livro de devoção e como um testemunho de uma fé esclarecida e ortodoxa:

*Durante séculos se tem considerado o Mirouer como um tratado anônimo. Nem o texto em médio-francês, nem os textos em latim mencionam um nome de autor. Constatase que os manuscritos preservados provêm de diferentes mosteiros. O Mirouer tem então sido considerado como um livro de devoção e como o testemunho de uma fé esclarecida e ortodoxa. Se os leitores se inquietam de qualquer passagem duvidosa, seus escrúpulos têm sido apaziguados pela aprovação do capítulo final. O esquecimento do nome do autor tem contribuído para a propagação e para a influência da obra.*²

Romana Guarnieri, confrontando o conteúdo dos artigos condenados de que se tem notícia através das atas do processo de Marguerite Porete, foi capaz de localizá-los nesse tra-

¹ Veja nota completa no final do texto.

² Cf. Introdução dos editores à edição bilíngue intitulada Marguerite Porete: Le mirouer des simples âmes. Margaretae Porete Speculum animarum. In R. GUARNIERI – P. VERDEYEN (Eds.), *Corpus Christianorum, Continuatio Medievalis* LXIX. Turnhout, Brepols, p. V.

tado, constatando então que a obra *Le Mirouer des Simples Ames* é de autoria dessa beguina clériga, procedente do Condado de Hainaut, cidade de Valenciennes, de cuja existência se tem notícia devido a um processo da inquisição datado de 1309 a 1310. Essa estudiosa anuncia sua descoberta no Observatore Romano de 16 de junho de 1946 num artigo intitulado *Lo specchio delle anime semplici e Margherita Porete*.

A primeira edição da obra de Marguerite a partir do único manuscrito acessível contendo a versão original em médio-francês, o de Chantilly, Musée Condé, XIV F 26 (Catalogue, no. 157), é, portanto, de responsabilidade dessa autora e encontra-se publicada juntamente com a pesquisa histórica sobre o Movimento do Livre Espírito no periódico intitulado *Archivio Italiano per la storia della pietá, Edizioni di Storia e letteratura*, Volume IV, Roma, 1964. O texto original tem como título: *Le Mirouer des simples ames aneanties e que seurement demourent en voloir et desir d'amour*.

Tempos depois, Romana Guarnieri publicou uma edição bilíngüe com a versão original em médio-francês ao lado da edição em latim organizada por Paul Verdeyen, na coleção *Corpus Christianorum, Continuatio Medievalis LXIX*.

O livro de Marguerite Porete é um *espelho medieval*, uma instrução religiosa que, como outros *espelhos*, ilumina a vida moral ou espiritual. Mas não é só isso, é também, por outro lado, e isso torna o livro especialmente interessante, um romance de amor, um romance alegórico cortês depositário de uma cultura laica veiculada pela linguagem vulgar; um romance como outros que mistura os gêneros épico, cortês, alegórico e é escrito tanto em versos quanto em prosa.³

O livro constitui-se numa alegoria mística sobre o caminho que conduz a alma à união perfeita com seu criador e Senhor e se estrutura como um diálogo em que os principais interlocutores são Amor, Razão e a Alma aniquilada personificados. Seu grande tema é o aniquilamento, descrito como o estado em que as almas simples adquirem a mais plena liberdade e o saber mais alto. Aniquilando-se, reconhecendo-se nada, a alma amorosa de Deus, se abre para ter sua razão e vontade transformada. De Deus recebe mais saber do que o contido nas escrituras, mais compreensão do que a que está no alcance, capacidade ou do trabalho humano de alguma criatura. A alma sendo nada, possui tudo e não possui nada, vê tudo e não vê nada, sabe tudo e não sabe nada.⁴ Nisso consiste para essa autora, a liberdade perfeita, recebida gratuitamente de Deus, ao mesmo tempo que conquistada pela

³ Cf. M. BERTHO, *Le Miroir des Ames Simples et aneanties de Marguerite Porete*. Un vie blesée d' d'amour. Paris, Decouvrir, 1993, p. 47.

⁴ Cf. M. PORETE, *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e do desejo do Amor*. Petrópolis, Vozes, 2008, cap. 7, pp.38-39.

alma, num itinerário doloroso que implica o desprendimento de tudo o que representa alguma segurança: os mandamentos, as virtudes, os conselhos, a natureza, o espírito e finalmente desprendimento da vontade, do desejo que é o grande motor que vai alavancando a alma ao encontro com a Deidade. Pois, para ela, a alma que não se dispõe a perder sua vontade não está preparada para falar à *Dama Divino Amor* em sua câmara secreta. A bem-amada é aquela que não teme perda nem ganho, senão somente pelo bom prazer de Amor, pois de outro modo, ela encontraria seu próprio interesse e não o dele.⁵

Nesse itinerário descrito por Marguerite Porete, dissolução e transformação de Amor são movimentos contraditórios de uma alma elevada à vida divina depois de tombada, pela revelação da verdade sobre si mesma, ao abismo da maior humilhação. A alma aniquilada pela descoberta de si como nada, encontra a plenitude na unidade com o amor misericordioso de Deus que vem a ela e a habita. Em seu não saber e em seu nada querer, encontra o tesouro escondido, contido na Trindade, a saber, a transformação por força do amor faz com que ela seja o que convém a ela ser. A perspectiva de Marguerite lida, assim, com a paradoxal mensagem cristã que busca unidade com Deus, no entanto, sem apagar a diferença básica entre Deus e o ser humano e a singularidade de Jesus.

Como afirma Sudbrack, essa tensão entre uma perspectiva panteísta de unidade na dissolução da diferença e uma perspectiva em que se preserva a transcendência, está presente na mensagem cristã desde o início e reside no mistério da existência humana e da criação, a partir da vida de Deus e nela. Essa linguagem paradoxal reflete uma experiência que se encontra além do pensamento lógico-racional e embora encontre um lastro na grande tradição da Igreja – que se desenvolveu com referência a Dionísio Areopagita – é sempre sujeita a julgamentos equivocados. A mística cristã, continua esse autor, transpõe radicalmente o mistério de Deus à crença no Deus que se tornou humano. Esse fato radicaliza o mistério de que na eternidade abrangente de Deus o mundo finito pode ter a sua independência. Essa compreensão, todavia, exige do ser humano a constante e renovada transposição da compreensão e da vontade racionais para o mistério do *Deus sempre maior*.⁶

Sendo transformada por Amor em Amor, a alma, perfeitamente livre, é de uma amável nobreza na prosperidade, de uma alta nobreza na adversidade, e de uma excelente no-

⁵ Idem, pp. 130-131.

⁶ Cf. J. SUDBRACK, *Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto*, São Paulo, Loyola, 2007, pp. 45-57.

breza em todos os lugares e por isso - tira aqui a autora, as conseqüências arriscadas que a levaram a uma problemática relação com a Igreja em sua dimensão institucional - não procura mais a Deus. A alma sendo livre, mais que livre, perfeitamente livre, supremamente livre pela transformação operada nela, não procura mais Deus porque se encontra transformada em Deus. Vivendo, agora, da vida divina, tem clareza sobre a relatividade de mediações que atravessou, submetendo-se a elas até o esgotamento.⁷

⁷ Cf. M. PORETE, *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e do desejo do Amor*, op. cit., cap. 85, p. 148.

⁸ Idem, cap. 68, p. 34.

⁹ Cf. J. Le GOFF, *O Deus da Idade Média. Conversas com Jan-Luc Pouthier*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, pp. 37-38.

¹⁰ Cf. Apresentação de Faustino Teixeira, ao *O Espelho das Almas Simples*, op. cit., p. 28.

No final do livro a autora muda o tom do discurso, já não usa o diálogo entre as personificações, passa a falar em primeira pessoa, se transforma em trovadora e compõe uma canção. Usando como recurso a poesia trovadoresca, Marguerite Porete encerra sua obra anunciando que Deus Longeperto (*Loingprés*) é Cortesia, e que o Espírito Santo, o Amor de Deus nela, é delicadeza, doçura, bondade, beleza.⁸ De sua poesia emerge uma imagem alternativa à imagem de Deus como Pai poderoso, representado em geral por um homem idoso, a um tempo diretor e protetor, fonte de autoridade que, segundo Le Goff, caracteriza o imaginário medieval.⁹ Deus que Marguerite canta em sua canção é diferente do Deus majestade, Deus que permanece no céu e que eventualmente mostra sua mão através das nuvens, Deus que está à frente de um exército constituído de santos e anjos que exercem a função de intermediários e que manifestam sua onipresença protetora e julgadora. Como destaca Faustino Teixeira na introdução à edição brasileira:

No *Mirouer*, Deus vem apresentado como Longeperto (*Loingprés*), como um amor simultaneamente distante e próximo (M1: 24-25), ou também como um clarão que abre e fecha (M58: 26-27). Mas está sempre presente, é o sempre-já-aí que oferece a todos a *delícia de seu amor* (M122: 82). Ele pode ser encontrado e adorado, e não apenas nas igrejas e nos mosteiros (M69: 39-46).¹⁰

Com certeza, a obra de Marguerite Porete, agora oferecida ao público brasileiro, representa uma grande contribuição para a teologia que tem buscado ser mais que reunião de conceitos, teologia teórica, e sim teologia atenta para a experiência histórica, lugar objetivo de presença de Deus, mas que muitas vezes se percebe sob o risco de perder sua dimensão contemplativa, lugar subjetivo do encontro místico com Deus.

Ceci Baptista Mariani

Nota

A seita dos *Irmãos do livre espírito* foi individualizada apenas no século XVIII por Jean-Laurent de Mosheim na obra *De beghardis et beguinabus comentarius* editada por G.-H. Martini em Leipzig, 1790. O nome *Irmãos do Livre Espírito* contém no seu interior uma série de movimentos espirituais dos séculos XII, entre os quais destacamos os apostólicos de Tanchelim d'Anver ou Tanchein, morto em 1115 e seu discípulo Manassés; os cátaros ou Albiguenses; o joaquimismo inspirado em Joaquim de Fiori; Hugo Speroni e seus discípulos; Amaury de Bène e os amauricienses; os Irmãos Pobres da Penitência da Ordem de São Francisco de Assis (*Pauperes Christi*). Os estudos de Romana Guarniéri sobre o Livre Espírito encontram-se publicado com o título *Il movimento del Libero Spirito. Testi e documenti*, no *Archivio Italiano per la storia della pietá*, editado pela Edizioni di Storia e letteratura, volume IV, Roma, 1964. Sobre o Movimento do Livre Espírito temos em francês o verbete *Frères du Libre Esprit*, dessa mesma autora no *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Myistique, Doctrine et Histoire*, BEAUCHESNE, Paris, 1964. Esse movimento foi condenado pelo Concílio de Viena (1311-1312).

Ceci Baptista Mariani